

Revisitando a malandragem

José Carlos Rodrigues

Roberto Da Matta publicou *Carnavais, malandros e heróis* em 1979. Neste influente trabalho, o antropólogo sustentou que aplicabilidade das leis no Brasil é passível de ser compreendida com base nas indicações apontadas por quatro figuras de nosso imaginário social. Para Da Matta estes personagens são o malandro, o otário, o caxias e o renunciador. Por brevidade, pretendendo ser objetivo, neste artigo tratarei somente dos três primeiros e incluirei mais um personagem, o bandido, que me parece perfazer um sistema mais adequado aos tempos que estamos vivendo.

★

O personagem caxias é aquele que se posiciona incondicionalmente a favor da observância da lei. Ele é alguém que jamais se atrasa, mesmo quando esta exigência não existe. Nas festas da família, por exemplo, costuma ser o que primeiro chega, muitas vezes causando constrangimento às pessoas da casa, pois aparece quando os bastidores (arrumação, limpeza dos cômodos, banhos, roupas, penteados dos participantes, etc.) ainda não se metamorfosearam em palco. O caxias acaba sendo um pouco estraga-prazeres: lembra insistentemente às pessoas comuns que elas estão abaixo daquilo que seria perfeito, evidenciando a verdade do dia a dia... Para este personagem não há circunstâncias nem prerrogativas que importem e que possam prevalecer sobre as regras. A propósito, lembro de uma pessoa relativamente próxima a mim, importante figura militar do período ditatorial, que recusou que a jovem filha recebesse atendimento preferencial no hospital, depois de gravemente baleada em uma tentativa de suicídio. Não aceitou, mesmo sabendo que tal gesto suscitaria a raiva dos parentes e a perplexidade de quem o testemunhou.

O perfil do caxias é o daquela pessoa sistemática, metódica, que não admite de modo algum a transgressão das regras, mesmo a daquelas estabelecidas por si mesmo. Isto foi o que aconteceu quando, em uma universidade do Rio de Janeiro, um professor, português, que fazia questão de ser o último a entrar na e o primeiro a sair da sala de aula, vetou a entrada do estudante que lhe havia aberto a porta, oferecendo-lhe a precedência de acesso.

É interessante observar que algumas estórias envolvendo o personagem/comportamento caxias parecem inacreditáveis e mesmo engraçadas para muitos brasileiros. Recentemente, em um sítio de notícias, informou-se que um trabalhador japonês de 64 anos foi multado e submetido a repreensão pública por sair três minutos mais cedo para comprar o almoço. Mas o registro se deu na seção “Curiosidades” do sítio. Esses casos de irrestrita submissão às regras, que alguns informantes deste estudo situaram entre o risível e o inacreditável, revelam algo sobre a nossa cultura, particularmente quanto à nossa especial atitude relativamente à efetividade das leis. É o que acontece quando achamos graça daquele motorista alemão que, retido em um engarrafamento, na presença de uma placa que autorizava utilizar a faixa livre à esquerda em caso de pressa, recusou minha sugestão de usá-la. Justificou, dizendo que “não estava com pressa”...

Outra anedota refere-se a um estudante brasileiro que residia em Paris. Obrigado a parar o automóvel por causa de um engarrafamento, freou sobre uma faixa zebreada. Havia um policial por perto, de modo que o condutor acabou recebendo uma multa. Avaliou que tinha sido vítima de rigor excessivo, pois não havia outra possibilidade além da de se chocar com o veículo que estava à frente. Resolveu, pois, enviar uma carta ao departamento de trânsito, protestando contra o “rigor exagerado” do policial. Em resposta, recebeu um documento segundo o qual o agente procedera de maneira correta. Além disso, a correspondência informava que o condutor se declarava suscetível de punição adicional: por não guardar distância regulamentar entre veículos. Mais ou menos semelhante e revelador de algo sobre nós foi o caso de uma senhora londrina que, convidada espertamente para uma festa de seus vizinhos brasileiros, foi embora mais cedo e telefonou para a polícia denunciando o barulho depois do horário permitido...

Um incidente que me aconteceu ajudará a pensar sobre as diferenças culturais a respeito das relações entre as normas e os contextos. Em cidades da Alemanha, pedestres costumam ser efetivamente punidos quando transgridem leis de trânsito. Em Colônia, um colega de curso (que era japonês) e eu pretendíamos cruzar uma rua, mas o semáforo estava vermelho para nós. Analisei a situação com todo cuidado. Verifiquei que não havia veículos nem policiais. Sugeri inocentemente que atravessássemos. A resposta foi: “Não! Isto é um mau exemplo para as crianças!”.

Na telenovela *Rei do Gado*, exibida entre 1996 e 1997 pela televisão Globo, havia um personagem muito sério e honesto, o senador Roberto Caxias. Tratava-se

de um trabalhador incansável, que jamais se dispunha a usar sua posição social em troca de proveitos particulares. Sequer a usava para conseguir trabalho para a filha desempregada. Caxias não merecia o crédito nem mesmo de sua própria mulher, sempre desconfiada da veracidade da honestidade do esposo. Igualmente, poucos acreditavam na integridade do senador Caxias. Em uma cena da novela, no plenário deserto do Senado Federal, somente três colegas acompanhavam sua alocação em favor dos trabalhadores sem-terra. Um lia jornal. Outro falava ao telefone. O terceiro cochilava... O final do senador Caxias foi dramático e ao mesmo tempo irônico: advogando por meios pacíficos em favor da causa dos trabalhadores do campo, terminou morto por um camponês, a mando de um proprietário de terras. Para o caxias, rigidez quase total das regras; poder quase nulo dos contextos.

É sintomático que uma quantidade expressiva dos casos que mencionei acerca de atitudes/pessoas caxias tenha dito respeito a indivíduos estrangeiros, a acontecimentos ocorridos no exterior ou a obra de ficção. Isto não se deu por acaso.

Também sintomática foi uma pergunta que ouvi durante a pesquisa, partida de uma estudante universitária:

“Mas todo caxias não é otário?”.

★

É curioso notar que em 1979 Roberto Da Matta não achasse importante incluir o “bandido” entre seus personagens cardeais. Seguindo uma inclinação relativamente comum entre os que pesquisaram sobre este tema, Da Matta diluiu pelo menos algumas características do bandido no personagem “malandro”. Sinal de velhos tempos, em que a violência e a criminalidade ainda não eram tão patentes? Talvez. Mas certo é que hoje poucos discordariam de que a categoria “bandido” se situe em posição muito relevante no nosso imaginário acerca da obediência/transgressão às leis - seja no nosso dia a dia, seja na teledramaturgia, seja nas notícias de rádio, televisão, jornal e internet (cf. Rodrigues: 2015: 19-77, em que abordo este assunto de modo bem mais abrangente).

Afastado o estereótipo sobre um “malandro-bandido” - que vem há décadas sendo repetido como clichê especialmente pelos meios de comunicação de massa - cada vez menos pessoas continuam nos dias de hoje a pensar que bandido e malandro sejam farinhas do mesmo saco ou que entre os dois figure um *continuum*, um gradiente, como Da Matta considerou. Os dados do meu estudo sugerem que no imaginário de hoje, a tendência é que “bandido” seja definido como o oposto total do caxias: aquele(a) que se coloca inteiramente fora da lei - o(a) que rouba, o(a) que mata, o(a) que vive de golpes, o estuprador, o(a) que trafica, quem explora mulheres e crianças...

Precisamos nos precatar contra aquilo que Bourdieu chamou de “ilusão da constância do nominal” (2014: 144). Não é mais possível hoje em dia, para entender o nosso cenário social, continuar fazendo confusão entre malandro e bandido.

Também não se os pode ver como associados somente às classes inferiores e ao gênero masculino. É fato que a história inventou, particularmente pelos meios de comunicação de massa, a representação estereotipada de um malandro-bandido, cujos fragmentos e ressonâncias ainda estão entre nós. Na origem, pelas décadas iniciais do século XX, esta imagem clichê foi bastante favorecida pela resistência de alguns à monogamia e pela recusa de outros ao trabalho, principalmente ao braçal, ainda fortemente associado à escravidão. Mas aquele foi um tempo em que a família aparecia como soberana nas visões de mundo. Uma época em que a polícia perseguia, particularmente em bares, os que viviam de expedientes e os que vagabundeavam. Um pouco mais tarde, também os que não tinham emprego assinalado na carteira de trabalho.

Na prática social e no imaginário, o significado da palavra “malandro” vem se transformando, indicando uma concepção nova. O personagem “malandro” agora não tem forçosamente a navalha como arma. Sua namorada não é mais a “mulher de malandro”, aquela que gosta de apanhar. Não usa chapéu obrigatoriamente. Sua camisa não precisa mais ser listrada, nem de seda. Não tem lenço no pescoço. Não anda sempre gingando. Não usa terno de linho branco, nem sapatos de duas cores. Seus parceiros não são necessariamente trabalhadores do sexo, rufiões, bêbados, boêmios, mendigos, bicheiros ou pessoas de classes baixas. “Malandro” também não mais significa forçosamente ser preguiçoso ou vagabundo.

Pelos dados do meu estudo, há indícios de que tais características estejam sendo ultrapassadas. Elas se referiam à “tal malandragem que não existe mais”, como já em 1978 Chico Buarque sugeria na Ópera do Malandro. Mas esta ultrapassagem não está se dando apenas para criar espaço para o político ladrão, para o assassino, para o traficante, para o contrabandista, para o empresário desonesto de hoje... O destino da malandragem não se resume a uma “derrocada diante da força opressora da modernidade”, como imperfeitamente foi visto (Rosa: 2008: 108). Está desaparecendo, mas para recomparcer em novo lugar e com força nova.

★

A malandragem que está surgindo e se difundindo significa especialmente um tipo de intuição, uma espécie de sociologia nativa, sobre os modos de aplicação das regras no Brasil. Algo que Da Matta já havia percebido: um “faro” sobre a imensa relevância da contextualização das normas e sobre como viver em cenários que oscilam enormemente de acordo com as situações, segundo quem, quando, onde, como... Este faro não está restrito às classes inferiores, muito menos é exclusivamente urbano e masculino. “Malandro” agora está cada vez mais sendo quem tem jogo-de-cintura, quem é astucioso, aquele que tem vivacidade, que é engenhoso, improvisador, matreiro, que tem ginga, jogo-de-corpo...

Malandro(a) cada vez mais é pessoa ou comportamento malicioso, perspicaz, que habilita a driblar as dificuldades, a dar-se bem e a safar-se das adversidades,

convertendo-as em favoráveis. Como malandro cada vez mais é adjetivado quem tem lábia, quem é sedutor, o come-quieto, o que sabe descobrir atalhos, quem é capaz de ardis e artimanhas, quem pode resolver problemas difíceis com pequenos truques ou “só na conversa”. Malandro(a) está passando a ser principalmente quem transforma fraqueza em força, quem “verga, mas não quebra”.

Os exemplos são numerosos. Durante o estudo, entre outras, ouvi narrativas de pessoas que estiveram exiladas, estudantes brasileiros no exterior ou que faziam turismo na Europa. Várias delas descreviam como conseguiam por malandragem realizar telefonemas internacionais sem pagar, manipulando os telefones públicos. Igualmente viam-se como malandros estudantes brasileiros que durante racionamento de energia no velho continente, no final dos anos 70 e início dos 80, conseguiam estudar de noite, substituindo as lâmpadas mais fracas instaladas nos quartos de hotéis e pensões por outras, mais potentes, que traziam dissimuladas na bagagem. Também se qualificavam da mesma forma os que faziam funcionar gratuitamente alguns aquecedores de ambiente de quartos de hotéis sem pagamento: moldavam em gelo peças semelhantes às fichas que acionavam o aparelho, utilizando-as em vez das metálicas. Com o calor, o gelo derretia, a água evaporava e o “crime” se tornava perfeito. Como malandros também se viram jornalistas e artistas que no período da ditadura militar brasileira enganavam os censores, encontrando meios de dizer o que não se podia dizer, de publicar o que seria impublicável.

É interessante observar que vários desses informantes, mesmo sendo conscientes dos aspectos legal ou moralmente reprováveis dessas práticas, delas se vangloriavam, entre risos e gargalhadas gabando-se de tê-las cometido. De modo oposto ao que ocorreu com relação ao “bandido”, nossas entrevistas verificaram que, ainda que censurada ou censurável, a maneira malandra de agir e de ser era relativamente absolvida e, mesmo, absorvida. Foi objeto de alguma simpatia e mesmo de certa identificação da parte dele(a)s. Tal foi, por exemplo, a avaliação a respeito dos sutis batedores de carteiras de outrora, de mãos levíssimas, nas ocasiões em que provoquei comparação com os assaltantes atuais.

Com o sentido de perturbar relações de poder, a malandragem no Brasil não é de hoje. Malandros são personagens bastante recorrentes na nossa cultura, quase sempre sagazes, ousados, temerários, astutos... A simpatia é uma característica essencial do malandro. Não lhe basta fazer uso da famosa “lei de Gerson”, ou seja, do princípio que leva a querer levar vantagem em tudo. Por isso quem corta um engarrafamento pelo acostamento, tornando para si a viagem mais curta que a dos outros, *tenta* ser malandro (“de trânsito”, como se diz), mas falta-lhe a sutileza da malandragem e quase sempre atrai antipatia.

Há muitos exemplos de personagens malandros na nossa cultura, quase sempre mostrados como simpáticos: o Curupira, o Saci Pererê, o Zé Pelintra, a raposa e o macaco nos contos de nossos folclores rural e urbano. Na literatura brasileira, o

Pedro Malasartes, que faz retornar a opressão contra os opressores (Da Matta: 1979); o Macunaíma, herói “sem caráter” (Gurgel: 2009); o Leonardo Pataca, espertalhão de *Memórias de um Sargento de Milícias* (Cândido: 1970). Da mesma forma, o Cassi Jones de Azevedo, personagem do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto (Cristino: 2009); Vadinho, primeiro marido de Dona Flor, figura central do romance de Jorge Amado (Da Matta: 1979); Castelo, personagem principal do conto *O homem que sabia javanês* (Muniz: 2009) e até mesmo a boneca Emília, das estórias de Monteiro Lobato (Raupp: s/d).

Entre muitos outros, temos na cultura de massa o personagem central da série *A turma do Didi* (Castro: s/d); o bicão Beto Rockfeller, da novela homônima; Zé Carioca, espertalhão de quadrinhos e filmes (Schwarcz: 1994; Gomes: 2005; Mendes: 2003); João Grilo, trapaceiro do *Auto da Compadecida* (Souza: 2013) nas versões para teatro e televisão. Igualmente, o caipira, como apresentado nas cenas derradeiras das obras de Mazzaropi; o Agostinho Carrara, malandro queridinho dos parentes de sua mulher no seriado *A Grande Família*. Simpáticos quase sempre.

Importa observar que invariavelmente tais personagens são dotados de grande popularidade, como é o caso de Romário, ex-jogador de futebol (Helal: 2000) e senador da república no momento em que escrevo. De modo geral, tais personagens são muito estimados, embora nada santinhos e bem pouco tacháveis de bom-mocismo. Por outro lado - será mesmo outro lado? - tais figuras distam muito de ser revolucionárias ou contestadoras do sistema político, como Da Matta registrou (1993: 54-5).

“Malandro”, então, tende a diferir bastante de “bandido”, que provoca medo e rejeição. Os dois se afastam do “caxias”, pois este costuma ser visto como pouco verossímil e mesmo até como beirando o risível e o ridículo. A esperteza, o *savoir-vivre*, a capacidade de se virar do primeiro, embora vissem com alguma reticência, em geral os informantes não condenaram totalmente. A maioria das pessoas declarou alguma admiração pelo malandro e pela malandragem. Com perfis socioeconômicos bastante diversificados, quase todas admitiram ter ou que gostariam de ter malandragem. E instados a escolher entre malandro, caxias, bandido ou otário, largamente preferiram a primeira opção, que foi quase unânime. O dito popular - “se malandro soubesse como é bom ser honesto, seria honesto só de malandragem” - há décadas sintetiza a questão.

Dito de outro modo, neste imaginário a maneira malandra de ser/agir tem anterioridade sobre as demais. Muito longe de desaparecer, pelo contrário ela parece se difundir por toda a sociedade, transformada, valorizada. Com o malandro e a malandragem talvez tenha ocorrido o mesmo que aconteceu a alguns outros distintivos de brasilidade antes considerados de maneira restritiva porque associados a classes inferiores e a comportamentos desviantes. Foram de certo modo “recuperados” e elevados a símbolos da nacionalidade (Fry: 1982; Vianna: 1995). Esta “promoção”

ocorreu com o samba, com a mestiçagem, com o futebol, com o jeitinho, com o carnaval, com a capoeira, com a cachaça, com a mulata, com a feijoada, com o Candômblé, com a Umbanda...

O malandro neste sentido não é exatamente contrário às leis. Astucioso, ele trafega pelos interstícios, pelas ambiguidades e pelas ambivalências das normas. Tem intuições sociologicamente corretas, procurando aproveitar-se das lacunas, das incoerências e das contextualizações das regras. Ilustra este ponto o senhor idoso que no supermercado comprou a metade da lista de compras, colocou o carrinho na fila de pagamento, solicitou a alguém que guardasse o lugar, tomando conta das compras... e voltou para comprar a outra metade.

Na imprensa, no momento em que escrevo está sendo apontado como “malandro” um ministro do Supremo Tribunal Federal que quando prevê derrota em sua turma costuma fazer uso da prerrogativa de encaminhar a votação diretamente para o plenário, no qual suas chances de vitória são maiores. Também estão sendo rotulados assim, principalmente por seus críticos, os advogados que deram entrada em um pedido de *Habeas corpus* exatamente durante o plantão de um desembargador sabidamente simpático à causa de seu cliente. Igualmente ilustrativo foi o que aconteceu com Hélio Kaltman, um publicitário que em meados da década de 1990, tendo esperado durante muitos meses pela solução de um processo de seu interesse na Previdência Social, inventou para si o personagem “Dr. Palhares, do Gabinete” para telefonar a vários dirigentes da instituição, dizendo ser da cúpula da mesma e exigindo a solução do assunto “do meu amigo Kaltman”. Foi bem-sucedido.

★

Quando um bandido é capturado pela polícia, diz-se dele que “*não foi malandro*”, que “*deu bobeira*”, que “*foi otário*”. Por outro lado, como muitas vezes ocorre, o bandido se comporta como “malandro”, equilibrando com benemerências as suas contravenções, crimes e violências. Tempera suas transgressões com atos de solidariedade. Adocica sua força aterrorizante com oferecimento de proteção. Disfarça seu individualismo interesseiro debaixo da fantasia de altruísmo e de espírito comunitário. Pretendo com estas observações apontar que em nossa cultura de hoje há uma tendência a que as categorias “malandro”, “otário”, “bandido” e “caxias” sejam modos de avaliação de ações e de omissões, muito mais do que uma tipologia de classificação de personagens sociais. Mais do que como substantivos tendem a funcionar como adjetivos qualificativos, relativos a estilos de agir ou de não agir.

Por este caminho, o oposto simbólico do modo malandro de ser/agir é crescentemente o do otário. Destituído de sentido de realidade, sem malícia e sem perspicácia, o personagem que corresponde a esta maneira de ser/agir não conhece, ou conhece mal, o terreno social em que trafega. Por esta razão acaba invariavelmente “pagando o pato”. Um pouco como o caxias, o otário ignora a contextualidade das regras. Falta-lhe jogo-de-cintura para se desembaraçar das situações desfavoráveis.

Ele é ingênuo, crédulo, de pouca inteligência, desprovido de ginga ou de jogo-de-corpo, incapaz de manobras exitosas.

Desconhecendo como navegar no oceano social brasileiro, em alguns casos ele até mesmo se torna um dedo-duro a prejudicar a vida do bandido ou a do malandro (alcaguete, mais por barbeiragem do que por mau-caratismo ou deslealdade). O otário está sempre por fora das coisas, não cansa de se enganar e vive sendo ludibriado. Por isso nunca chega a ser bem-sucedido. No que diz respeito à “lei de Gerson” - uma das máximas do malandro – o otário é um inteiro fracassado. Em suma, ele é o que ninguém pretende ser: burro, ingênuo, idiota, sem imaginação...

Talvez o seguinte acontecimento lance alguma luz e descomplique o que estou tentando dizer:

Certa noite eu estava em um bar ao ar livre na Avenida Atlântica, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Distraído, enquanto bebia um chope e conversava com minha namorada, deixei a carteira sobre a mesa. De repente, um ladrão passou correndo e arrebatou a carteira. Rapidamente levantei-me e corri atrás dele, gritando: ‘Pega ladrão! Pega ladrão!’. Vários metros na dianteira, ele também gritava: ‘Pega ladrão! Pega ladrão!’.

“Dar bobeira”, deixando a carteira à vista em lugar arriscado: ato (de) otário. Larapiar: comportamento (de) bandido. Desabalar-se atrás de bandido para recompor a ordem: atitude (de) caxias. Disparar na dianteira berrando “Pega ladrão! Pega ladrão!”: estratagema (de) malandro.

★

caxias/bandido # otário/malandro

Esboça-se assim um pequeno sistema de quatro categorias que se opõem, se complementam e em muitas ocasiões podem até mesmo se combinar e interpenetrar.

José Carlos Rodrigues

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Doutor em Antropologia (Université Paris 7)

Recebido em julho de 2018.

Aprovado em outubro de 2018.

Referências

- BOURDIEU, P. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CÂNDIDO, A. Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 8, São Paulo: USP, 1970. Disponível em [http://www.educacional.com.br/upload/dados/materialapoio/580001/8384666/Artigo%20-%20Dial%C3%A9tica%20da%20malandragem%20\(Antonio%20Candido\).pdf](http://www.educacional.com.br/upload/dados/materialapoio/580001/8384666/Artigo%20-%20Dial%C3%A9tica%20da%20malandragem%20(Antonio%20Candido).pdf)
- CASTRO, C. A Reprodução do *jeitinho brasileiro* em Personagens Matreiros no Universo Comunicacional das Telenovelas. *Intercom* s/d. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93382793299256002307878520849119936792.pdf>
- CRISTINO, L. A malandragem como emblema nacional. *Solettras*, ano IX, 17, São Gonçalo: UERJ, 2009. Disponível em <http://www.filologia.org.br/solettras/17sup/04.pdf>
- DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FRY, P. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOMES, J. *Conversa de malandro: malandragem e identidade nacional nos quadrinhos de Zé Carioca*. UFBA: monografia apresentada à Faculdade de Comunicação. Salvador: 2005. Disponível em <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Malandragem-e-Identidade-Nos-Quadrinhos-De/53307731.html>
- GURGEL, L. Ai... Que preguiça! Uma análise dos Brasis de Macunaíma. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação: Blumenau*, v. 3, n. 1, p. 18 - 30, jan./abr. 2009. Disponível em <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1555/1221>
- HELAL, R. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALA-BARCES, P. (Org.) *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2000.
- MENDES, M. A malandragem no imaginário nacional: um estudo sobre a construção do personagem Zé Carioca e suas relações com a cultura brasileira. *Intercom*, 2003. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP16_mendes.pdf
- MUNIZ, L. *A configuração do jeitinho brasileiro em narrativas literárias*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. Disponível em http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/dissertacoes/2007/larissa_casagrande_faller_muniz.pdf
- RAUPP, L. *Desmascarando Emília: representações literárias e televisivas da malandragem nacional*. Porto Alegre: ebooks.pucrs, s/d. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/4/LucianeWagnerRaupp.pdf>
- RODRIGUES, J. C. *Imaginários e dramas sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.
- ROSA, M. *O malandro brasileiro: do fascínio ao rancor*. Porto Alegre: PUC-RS, 2008. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1887
- SCHWARCZ, L. Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. Anpocs: 1994. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03
- SOUZA, M. *A literatura de cordel e a malandragem sob a perspectiva do personagem João Grilo*. Uni-

ceub: monografia apresentada à Faculdade de Educação e Saúde. Brasília: 2013. Disponível em <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/4541/1/TCC%20-%20Vers%C3%A3o%20final%20-%20encaderna%C3%A7%C3%A3o.pdf>

VIANNA, H. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Resumo

Roberto Da Matta publicou a primeira edição de *Carnavais, malandros e heróis* em 1979. Neste livro o antropólogo sustentou que a aplicação das leis no Brasil era passível de ser compreendida com base nas indicações que quatro personagens do imaginário social brasileiro apontavam. Para ele, estes personagens eram o malandro, o otário, o caxias e o renunciador. Este artigo tratará somente dos três primeiros e incluirá mais um personagem, o “bandido”, que talvez complete um sistema mais adequado para o entendimento dos tempos em que vivemos.

Palavras-chave

Caxias, bandido, malandro, otário, cultura brasileira.

Abstract

In 1979, Roberto Da Matta published the first Brazilian edition of *Carnivals, Rogues, and Heroes*. In this book, the anthropologist sustained that the application of the laws in Brazil was likely of being understood on the bases of four characters of the Brazilian social imaginary. For him these characters were the rogue, the sucker, the ‘caxias’ and the renouncer. This article will consider only the first three of them and will include a fourth one, the bandit, which perhaps will complete a more adequate system for the understanding of the days in which we live.

Keywords

‘Caxias’. Bandit. Rogue. Sucker. Brazilian culture.